

D. João de França Castro e Moura.

Lendo a pag. 273 do 1.º volume d'este semanario a biographia do actual bispo de Macau, D. Jeronimo José da Matta, occorreu-me escrever estes apontamentos biographicos. Aquelle prelado e o bispo eleito de Pekim fixam e terminam uma epocha historica do padroado portuguez na China: epocha na verdade de decadencia, de desamparo, e de quasi total ruina d'este memoravel padrão das nossas glorias patrias; mas em que ainda figuram varões prestantes e virtuosos, como outros muitos que ornam os fastos da egreja portugueza na Asia.

Se chegou o tempo, como chega para todas as cousas d'este mundo, de acabar na China o padroado real, como de facto está verificado e de direito reconhecido na maxima parte, pela projectada concordata com a curia romana, ainda em via de negociação; se chegou esse tempo, salvem-se ao menos algumas memorias, que possam servir de auxilio a futuros escriptores, que por ventura intentem escrever a historia das missões portuguezas na Asia. Não será ella menos util para os annaes da civilisação, nem menos gloriosa, e povoada de heroes e martyres, do que a historia militar e politica dos nossos descobrimentos e conquistas no Oriente, ás quaes tão essencial auxilio prestou o zêlo evangelico dos missionarios.

Metade d'esta tarefa já foi cabalmente desempenhada pelo meu amigo Luiz Filippe Leite, na citada biographia que escreveu do bispo de Macau. Menos feliz o bispo eleito de Pekim, só terá em mim o simples narrador das principaes circunstancias da sua vida apostolica, que a habilidade de outros aproveitará para lhes dar o realce e apreciação moral que merecem.

Explicado o verdadeiro fim que me proponho, entro já no assumpto.

João de França Castro e Moura nasceu em 19 de março de 1804 na freguezia de S. Cosme de Gondomar, na provincia do Minho. Foram seus paes Antonio João de França, e Rosa de França Castro e Moura, honrados lavradores e proprietarios, ambos naturaes da mesma freguezia, e ainda hoje vivos na avançada edade de oitenta e tantos annos.

Em novembro de 1815 foi para companhia de seu

tio materno, o doutor José de França Castro e Moura, então vigario geral da cidade de Penafiel, onde acabou os estudos de primeiras letras, e continuou nos de latinidade e philosophia. Veiu para o Porto em 1820 estudar francez, rhetorica, e dois annos de theologia no seminario episcopal da mesma cidade, onde foi ordenado de menores pelo bispo do Porto, D. João de Magalhães e Avellar.

Em outubro de 1823 entrou na casa religiosa de Rilhafolles, da congregação das missões, onde viveu até partir, no 1.º d'abril de 1825, para Macau, no navio Vasco da Gama, em companhia dos minoristas José Joaquim de Miranda, e Jeronimo José da Matta, hoje bispo de Macau. Chegaram ao seu destino em outubro do mesmo anno, e recebidos todos no real collegio de S. José das missões, [1] alli concluiram os estudos, e receberam ordens de subdiacono em 1827, conferidas pelo bispo d'aquella diocese, D. frei Francisco de Nossa Senhora da Luz Chacim. Como este prelado falleceu pouco depois, teve Castro e Moura de ir, em 1829, a Manilla, capital das ilhas Filippinas, com o seu inseparavel companheiro e amigo, o subdiacono Matta, para receberem as restantes ordens, que lhes conferiu o bispo de Illocos. Depois d'isto regressaram para Macau, e os novos presbyteros celebraram sua primeira missa no dito collegio de S. José, no principio de 1830.

No mesmo anno o padre João de França partiu n'uma lorcha para Fokien (provincia da China), em companhia de um missionario hespanhol. Dera-se denuncia aos mandarins ou auctoridades chinezas, de que na lorcha (embarcação peculiar do paiz) iam dois estrangeiros ou barbaros, que pretendiam penetrar no interior do celeste imperio: expediram logo juncos de guerra para aprisional-a; mas, graças ao vento favoravel e aos innumeraveis ilheos que bordam as costas da China n'estas paragens, póde a lorcha escapar á perseguição, e levar a salvo ao seu destino o nosso missionario. Esteve um mez no Fokien, em companhia do veneravel vigario apostolico Carpena, e chegou a Shangae em outubro do referido anno 1830.

D'alli internou-se Castro e Moura no defeso imperio chinez, indo estabelecer-se na diocese de Nankim, da qual foi nomeado vigario geral na ausencia do respectivo bispo D. Caetano Pires Pereira, que residia em Pekim como membro do tribunal das mathematicas, mui bemquisto do governo imperial, governando ao mesmo tempo a diocese de Pekim. N'aquella provincia, em muitas partes paludosa e doentia pelas inundações do famoso rio Yang-Tsekiang, foi o padre João de França atacado de febres violentas, que o retiveram no leito desde agosto a fins de dezembro de 1831. No entanto chegaram a Macau mais quatro missionarios portuguezes da congregação de Rilhafolles: dois d'elles, os padres Domingos Henriques e André Lino da Silva (ainda hoje vivos e residentes em Portugal) foram mandados para Nankim, e ordenou-se ao vigario geral que partisse para Pekim, o que fez em 2 de novembro de 1833, chegando com felicidade no fim do mesmo mez á provincia de Xan-tum, então parte integrante da diocese de Pekim.

Xan-tum era dividida em duas missões, occidental e oriental. D'esta ultima tomou conta o padre Castro, em setembro de 1835; e ainda que não contava mais de tres mil confissões (entre alguns doze milhões de habitantes que contém toda a provincia), as familias christãs estavam tão dispersas, que era necessario andar quasi trezentas legoas para as visitar todas.

Em junho de 1836, administrando sacramentos a enfermos de febre typhoide, foi atacado da mesma doença, que lhe deixou uma debilidade chronica de estomago, que de tal modo se aggravou no resto d'aquelle anno e no immediato 1837, com os excessivos trabalhos da referida missão oriental, que os medicos chins desconfiaram muito da sua vida. A natureza robusta de que é dotado, ajudada pela medicina chineza, triumphou por fim d'aquelle grave padecimento.

Apesar de alguns restos que lhe ficaram de taes padecimentos physicos, não cessou de trabalhar o zeloso missionario como se gozára saude regular. Até mesmo quando suas obrigações augmentaram muito com o governo da diocese de Pekim, que sobre elle recaiu em 1838, por morte de D. Caetano Pires Pereira, e ainda depois de eleito bispo, nunca deixou de administrar pessoalmente e de percorrer em cada anno a sua predilecta missão oriental do Xan-tum, que para si tomava como outro qualquer missionario. Não é possivel nem é nosso intento relatar por miudo o que alli obrou e em toda a diocese: basta dizer que nem doenças, nem trabalhos de corpo e de espirito, nem perigos graves, que por vezes correu, nem ausencia e saudades da patria, afrouxaram um momento sequer sua dedicação e apêgo áquellas christandades, no meio das quaes se julgava collocado pela Providencia, amando-as como a filhos queridos, e sendo d'ellas ternamente amado como pae extremoso. Se tão exemplar pastor se separou depois do seu rebanho espiritual, foi com intensa dor d'alma, e constrangido por força maior, como adiante diremos.

Fallecido em novembro de 1838 o referido bispo de Nankim D. Caetano, administrador do bispado de Pekim, continuou, como já era, por vigario geral d'esta diocese o nosso missionario Castro e Moura. A occasião era opportuna para a Propaganda Fide realisar seus constantes projectos de invasão no real padroado; e de feito tratou logo de aproveital-a, expedindo o breve *Multa præclara* e outros que se lhe seguiram, desmembrando do bispado de Pekim a já mencionada provincia de Xan-tum e a Tartaria, dividindo depois esta nos vicariatos apostolicos da Mongolia e da Mantchuria, etc.; tudo isto com grave perturbação da paz e conveniencias das respectivas christandades, dando-se factos e escandalos que não é para aqui relatar, limitando-nos a dizer que a jurisdicção do vigario geral ficou restringida á provincia do Che-li, em que está a capital do imperio, e onde havia ainda o maior numero de christãos da diocese.

Estavam as cousas n'este estado quando em 1840 a curia nomeou o vigario Castro e Moura para bispo de Claudiopolis, e administrador apostolico da diocese de Pekim, reduzida á unica provincia do Che-li. Tal nomeação pareceu a alguns que não offendia os direitos do padroado, e até o procurador das missões portuguezas e superior do collegio de S. José de Macau, o venerando padre Joaquim José Leite, n'esse sentido o participou ao governo de Portugal, impetrando licença para a respectiva sagração; licença que mui judiciosamente foi negada, passando a rainha D. Maria II, em novembro de 1841, a eleger bispo de Pekim o dito vigario, declarando que não reconhecia as desmembrações feitas pela curia nas missões do real padroado na China, e que nem um palmo d'ellas cederia.

Achavam-se então interrompidas as communicações de Macau com o norte da China, por causa da guerra d'este imperio com a Inglaterra. Logo, porém, que o bispo eleito foi informado do que se passava, escreveu respeitosamente ao pontifice Gregorio XVI, agradecendo a graça que lhe fizera, mas declarando que não podia sagrar-se bispo de Claudiopolis, me-

(1) Vide sobre este estabelecimento as notas a paginas 274 e 275 do 1.º volume d'este Archivo.

nosprezando a nomeação que a rainha de Portugal d'elle fizera para bispo de Pekim; porque perderia o foro, que muito prezava, de cidadão portuguez, bem como o direito que a diocese de Pekim tinha a alguns rendimentos em Macau.

Ao pontifice era bem facil e justo remover os obstaculos apontados, confirmando a nomeação da rainha de Portugal, que recaía na mesma pessoa já pela curia julgada digna do episcopado. Longe, porém, de succeder assim, nenhuma resposta se deu á carta do bispo eleito, que só recebeu uma da congregação da propaganda, elogiando-o muito pela sua obediencia, no presupposto de estar já sagrado bispo eleito de Claudiopolis. Dizia mais a capciosa missiva, que, para allivial-o dos seus trabalhos, a santa sé determinava dar-lhe um coadjutor, como aos outros vigarios apostolicos na China, e que para isso mandasse uma lista dos missionarios mais idoneos que houvesse na propria missão, ou n'outras, para a curia d'entre elles escolher. D. João de França respondeu com firmeza, que já havia exposto a sua santidade os motivos por que se não sagrára, e que só estava prompto a continuar no governo da diocese na qualidade que exercia de vigario geral.

Para demover o bispo D. João de tão razoavel e digno proposito, empregou a propaganda quantos meios pôde, directos e indirectos, já por via dos vigarios apostolicos de Xan-si, Xan-tum e da Tartaria, e por outros missionarios propagandistas, como promovendo um pedido assignado por cento e quatro chefes de christandades na provincia do Che-li. Vendo, porém, a propaganda baldados seus esforços pela nobre constancia de D. João de França, expediu um breve datado de 28 d'abril de 1846 (recebido em junho de 1847), em que se lhe declarou, que se á recepção d'elle estivesse já sagrado bispo de Claudiopolis, ficaria o mesmo breve sem effeito algum; mas, se o contrario succedesse, que ipso facto ficava privado de toda a jurisdicção e governo da diocese, que passaria desde logo ao vigario apostolico da Mongolia, mr. Mouly.

Não surprehendeu ao bispo Castro e Moura esta resolução da curia, e só estranhou, se era para estranhar á vista de outros muitos factos irregulares, que se dissesse no citado breve, que tal resolução era motivada pelo seu pedido, quando isso não era exacto. D. João declarára para Roma, por escripto e mui expressamente, que continuaria no governo da diocese de Pekim, mas de nenhum modo como bispo de Claudiopolis; e que, se fosse constrangido, antes preferiria largar a posição que occupava, do que sagrar-se n'aquella qualidade. É claro que isto não importava o pedido de que passasse a outrem o governo da diocese; mas essa forçada interpretação lhe deu a propaganda para conseguir seus fins, que eram evidentemente expulsar o ultimo missionario portuguez que existia no interior da China, apesar das eminentes qualidades que a propria curia lhe reconhecia, dos grandes serviços que fizera e estava fazendo nas missões, e do amor, quasi adoração, que lhe professavam os christãos chinezes. Seria isto tomar a serio os interesses da religião, sacrificados assim ás pretenções d'invasão e aos manejos e caprichos mundanos?...

Bem differentemente procedeu o digno bispo eleito de Pekim, que com verdadeira e christã abnegação, que podéra servir de exemplo e de vergonha aos dignatarios de Roma, obedeceu e a occultas se retirou d'aquella capital em 14 de junho de 1847, para evitar novas perturbações n'aquellas christandades. Levou o escrupulo e delicadeza dos seus religiosos sentimentos ao ponto de a nenhum christão declarar sua partida, excepto ao que o acompanhou, e a um sacerdote chim. Quão doloroso não seria para o nosso missionario separar-se assim violentamente, e sem ter ao menos o lenitivo da despedida, dos christãos que tão ternamente amava! Soube fazer mais este sacrificio dos proprios affectos, e chegou a Macau em agosto seguinte.

D'alli repetidas vezes dirigiu o bispo Castro e Moura representações ao governo da metropole, pedindo as promptas e energicas providencias que as circunstancias exigiam. Apenas obteve promessas vans. Desenganado d'ellas, e para esquivar-se ás supplicas e aos emissarios que de Pekim lhe enviavam as christandades orphãs do seu pastor, para que volvesse a dirigil-as, resolveu partir em 1850 para a ilha de Timor, na resolução de viver e morrer entre aquelles povos. Tendo, porém, luctado com muitas difficuldades, entre ellas a de aprender tanta diversidade de linguas, como ha nas tribus d'aquelle paiz, faltando de todo grammaticas e diccionarios; e vendo-se só e desauxiliado, decidiu-se a vir ao reino. Aproveitou a partida do brigue de guerra Mondego, e chegou a Lisboa no 1.º d'abril de 1853, dia em que se cumpriam vinte e oito annos que estava ausente da patria.

Encontrou n'esta cidade o chim Francisco Leu, que viera expressamente de Pekim encarregado pelos christãos chinezes de pedir á rainha de Portugal o regresso d'aquelle apostolico varão. Ainda que D. João de França tencionára, quando deixou Macau, não voltar mais á China, vencido por tanta dedicação e affecto das christandades que regêra, prometteu ao governo que volveria para o seu antigo posto, se por todo aquelle anno (1853) se concluissem as negociações sobre o padroado real, já então pendentes, havia annos, entre a coroa de Portugal e a santa sé. Tal não se verificou até hoje, como é sabido, mas o bispo eleito de Pekim conservou-se em expectativa até junho de 1857, tempo em que definitivamente se recolheu á vida privada, retirando-se para a quinta do Pinheiro, no sitio de Campanhã, arredores do Porto, onde actualmente vive com os mencionados anciãos seus paes.

É para lastimar que homens taes como D. João de França Castro e Moura, de provada piedade e merecimento, renunciem á vida publica pela desanimação que produz em todo o espirito religioso e patriotico o deploravel andamento que nos ultimos tempos tem tido as cousas do nosso padroado na Asia, por falta de vontade e energia nos que presidem aos destinos da nação. Á mingua que temos de homens de merito, não se devêra ver com indifferença annullar-se para a religião e para o estado um dos seus melhores servidores. Deus ao menos o conserve largo tempo, e lhe dê confôrto na esperança de melhores dias para a egreja portugueza no Oriente.

C. J. CALDEIRA.

D. ANTONIO, PRIOR DO CRATO.

(Continuado de pag. 93).

Filippe II que pelas suas novas conquistas era obedecido na maior das monarchias modernas, que cingia todo o globo, e onde o sol nunca se punha, ia manifestando pelo despotismo da vontade, e pela influencia politica que em toda a Europa queria exercer, que era para os outros monarchas perigoso competidor, contra o qual era conveniente precaverem-se, suscitando-lhe e multiplicando-lhe obstaculos. A Inglaterra comprehendeu em fim a necessidade de tomar parte decidida nos esforços de D. Antonio, com o que, quaesquer que fossem as eventualidades

da sorte, sempre conseguiria vantagens. Em todo o caso hostilisando o rei de Castella nos seus novos e velhos estados, ganhava em lhe augmentar os embaraços, dividir-lhe a attenção e as forças, complicar-lhe de mais em mais a fazenda, e interceptar-lhe os recursos que recebia das Indias. Se d'estas tentativas resultasse algum triumpho directo, se conseguisse arrancar alguma joia áquella coroa, expellir os castelhanos de Portugal ou das ilhas, as vantagens seriam maiores, porque o effeito moral d'essas perdas seria de grande alcance contra Filippe, e a compensação que encontraria na amizade e favores do prior do Crato, que cubiçava a coroa lusitana, seria generosa e relevante.

Para dar mais força aos direitos que dizia ter, e á situação em que estava D. Antonio, que servia de pretexto e fundamento á sua nova politica, a rainha consentia-lhe actos de soberania, attendia-lhe reclamações, e fazia-lhe concessões fundadas n'ella.

Com intuito de augmentar os meios de aggressão e resistencia de D. Antonio contra Filippe, Isabel não só se propoz fazer quanto podesse da sua parte para incommodar o castelhano, mas tambem tomou outra iniciativa no empenho com que procurou attrahir a corte de Marrocos ao partido do proscripto. Escrevêra ao monarcha africano, corroborando as cartas que D. Antonio por ella lhe mandava para o mesmo fim. Na corte de Constantinopla sollicita-se com egual diligencia a intervenção do sultão para tornar propicio o marroquino. D'ahi a carta de 30 de junho (1587), que sir Francis Walsingham escreveu de Londres, em latim, tratando de taes negocios, ao judeu portuguez Salomão Abenyaex, residente na capital da Turquia. (1)

Foi provavelmente em consequencia d'isto que Xerife Hossein, imperador de Marrocos, respondeu a D. Antonio n'uma carta em arabe, que tem a data do mesmo anno, (996 da hegira) accusando-lhe a recepção das suas, e asseverando-lhe ter tambem escripto a seu favor á rainha d'Inglaterra. (2)

Porque Xerife pareceu subscrever ás idéas do prior, e empenhar-se mesmo porque Isabel empregasse todos os meios para o auxiliar, mr. Robert Cecill, segundo filho de lord Burghley, (3) foi ouvido, ou deu de motu proprio um como conselho, que tem a data d'este anno, a respeito da norma que se devia seguir nos negocios de D. Antonio, já no que se tratasse com elle proprio, já no que se negociasse com o mesmo Xerife; (4) papel em que mostrou bem qual era o cunho da politica ingleza no reinado d'quella celebre rainha. Em logar competente iremos vendo qual seguimento foi tendo esta negociação.

No entanto, em quanto se não reuniam forças e recursos para tentar ataque formal nas costas de Portugal, lembrára-se o celebre corsario sir Francis Drake, que desde alguns annos aterrorava os mares, de sair com uma pequena expedição até á ilha da Madeira, como diversão preliminar a maior empreza, e augmento de cuidados ao governo de Portugal, que não pouco andava lastimoso com tão continuos sobresaltos. D. Antonio desapprovou esta idéa. Anteviu que ella prejudicava a sua causa e direitos, não auctorisando elle, como não auctorisava, a expedição. Edward Prynn, que estava ao seu serviço, foi interprete da vontade de seu amo, e em 24 de

(1) Mss. do Mus. britan. *bibl. Lansd.* n. 53, d. 20, f. 41, e n. 69, d. 28, f. 66. — Figanière, *Catalogo*, 136 e 141. — *Quad. elem.* XVI, 203.

(2) A carta original existe nos mss. do Mus. britan. *bibl. Burn.* n. 367 f. 198 (nova numeração) — Figanière, *Catalogo*, 191. — *Quad. elem.*, XVI, 199, extractando este documento acrescenta: — « Esta correspondencia é muito curiosa, e revela a incançavel actividade com que o prior do Crato até fallecer não cessou de suscitar inimigos e obstaculos ao dominio de Filippe II em Portugal. »

(3) Mais tarde em 1597 sir Robert Cecill, e em 1605 conde de Salisbury.

(4) Mss. do Mus. britan. *bibl. Lansd.* n 53, d. 34, f. 70. — Figanière, *Catalogo*, 136 — *Quad. elem.* XVI, 199.

junho dirigiu á rainha um protesto ou memoria n'esse sentido. (1)

Simultaneamente com todas estas diligencias é grande o empenho com que se busca obter soccorros dos Paizes-baixos. Até o prior se dispõe mandar seu proprio filho D. Manoel sollicital-os, do que Isabel preveniu em 20 d'abril lord Buckhurst, seu embaixador, ordenando-lhe que junto aos estados geraes favorecesse as pretenções de D. Antonio, que o filho lhe havia de communicar. (2) Parece que sempre resultaram d'ahi algumas promessas. Pouco depois tambem Diogo Botelho nos apparece em Dordrecht, capital do estado da Hollanda, escrevendo, em 12 de setembro, ao conde de Leicester, governador e capitão-general d'aquellas provincias-unidas pela rainha d'Inglaterra, uma carta em italiano, cujo original ainda se conserva, (3) ácerca da promessa d'um auxilio de tropas, que fôra feita a D. Antonio, e d'outros negocios correlativos; e alguns dias mais tarde, em 30 do mesmo mez, achando-se doente, torna a escrever-lhe, sem duvida sobre o mesmo assumpto, para que dê inteira fé ao que lhe diria quem lhe levava a carta, por delegação sua, e em execução de ordens de seu amo. (4)

Inda que tantas sollicitações não chegassem a produzir os effeitos materiaes que se desejavam, é fóra de duvida que excitaram vivo interesse, e encontraram não poucas sympathias em muitos animos d'aquelle paiz. As propostas de D. Antonio, se achavam alguma impugnação nos estados-geraes, tambem tinham zelosos defensores nos commissarios inglezes. A opinião d'estes, constante do memorial de 9 de dezembro (5) era, que os tratados existentes entre Inglaterra e Hespanha se não podiam allegar contra o prior, porque não tinham valor em relação a este ponto, pois se referiam apenas aos dominios hespanhoes, entre os quaes se não comprehendia Portugal na epocha em que tinham sido celebrados. De mais, acrescentavam que D. Antonio não podia ser considerado rebelde, porque era competidor e pretendente; e concluiam, que a questão dos seus direitos não cabia a nenhum principe julgal-a. Por ultimo sustentavam, que seria duro que, em quanto o pretendente residisse nos Paizes-baixos, as suas despezas pesassem unicamente sobre o duque de Parma.

Não se poderá inferir d'esta ultima circunstancia, que D. Antonio tinha passado aos Paizes-baixos? Revelará ella apenas, que se procurava regular d'antemão uma hypothese que se esperava, que estava proxima a dar-se? Não temos noticia da passagem do prior de Inglaterra para a Hollanda n'este anno; entretanto as complicações que o tinham assaltado na corte de Isabel podiam tel-o obrigado a isso, ou ao menos a projectal-a. Na carta, em italiano, que Ruy Lopes escreve de Londres ao conde de Leicester, em 3 de setembro, bem claramente lamenta as desgraças do seu rei. (6) Se não ha equivoco no extracto que o *Quadro elementar* traz d'outra carta do mesmo doutor Ruy Lopes de Sousa, para o mesmo conde, ácerca de negocios de D. Antonio, e D. Manoel, e sobre a pobreza em que estes principes se achavam,

(1) Mss. do Mus. britan. *bibl. Lansd.* n. 53, d. 24, f. 49. — Figanière, *Catalogo*, 136 — *Quad. elem.* XVI, 199, faz menção d'este documento, sem mais data que a do anno « 1587 »; mas a p. 203 *in fine* repete o extracto, acrescentando á data annual esta de « junho 24 » Como se vê das notas de ambos os extractos o documento é um e o mesmo. O que se vê, é que se faz d'elle menção duplicada, por inadvertencia talvez.

(2) Mss. do Mus. britan. *bibl. Harl.* n. 287 f. 20. — Figanière, *Catalogo*, 13. — *Quad. elem.* XVI, 203.

(3) Mss. do Mus. britan. *bibl. Cotton.* Nero B, I, 269. — Figanière, *Catalogo*, 98-99. — *Quad. elem.*, XVI, 204.

(4) Mss. do Mus. britan. *bibl. Cotton.* Caligula, E, VII, f. 287, antiga numeração. — Figanière, *Catalogo* 54. — *Quad. elem.* XVI, 205.

(5) Mss. do Mus. britan. *bibl. Cotton.* Vespasiano, C, VII, f. 412. — Figanière, *Catalogo*, 116. — *Quad. elem.*, XVI, 206.

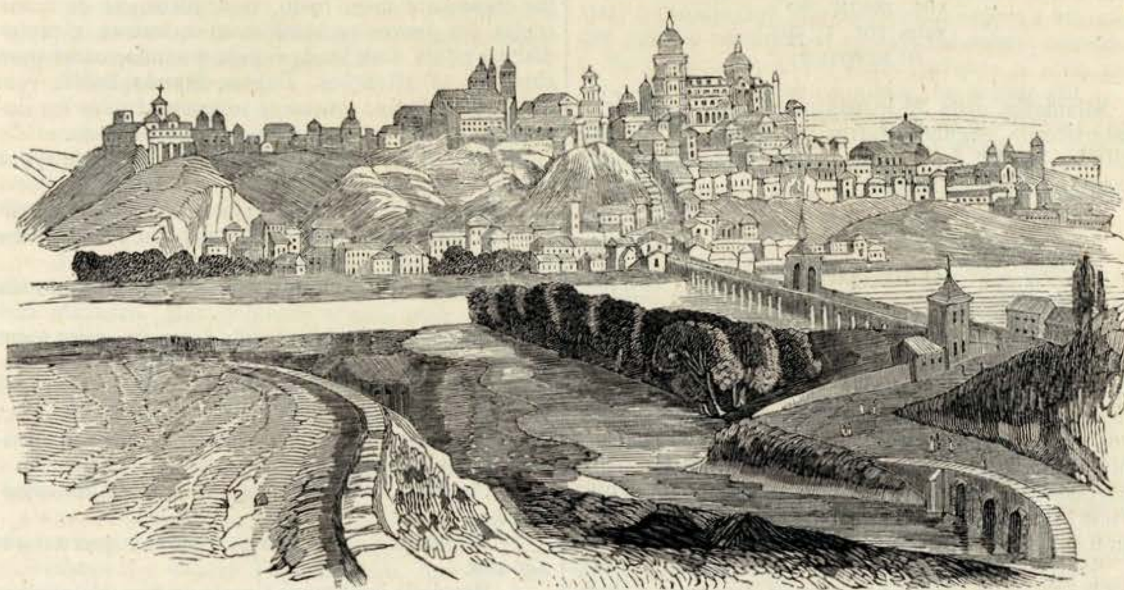
(6) Mss. do Mus. britan. *bibl. Cotton.* Galba D, II, f. 110. — Figanière, *Catalogo*, 107 — *Quad. elem.* XVI, 204.

já em 12 do mesmo mez tinha o mesmo doutor passado (quem sabe se em companhia de D. Antonio?) de Londres a Dordrecht, onde escrevia. (1)

Os apuros em que estava o prior pareciam graves pelas diligencias que mandava fazer para poder salvar-se d'elles. Edward Prynn, que está em Londres, acompanha as instancias de Ruy Lopes ao conde de Leicester, com não menos fervorosas supplicas a lord Burghley, a quem pede em 16 de setembro, que a rainha Isabel se preste e pagar as dividas de D. Antonio, que andariam por umas doze ou treze mil libras esterlinas, para prevenir as difficuldades em que o devedor se ia brevemente achar, (2) não obstante não ter o prior poupado nenhum meio, nenhum sacrificio para se salvar dos apuros a que a complicação dos seus negocios o tinha arrastado. Aquelle D. Salomon, de Paris, a quem em maio 1586 tinha escripto, e deputado para lhe dar conta d'algumas transacções a Antonio de Escovar, escrevêra-lhe em 12 de novembro, e prestára-lhe serviços, que D. Antonio lhe agradece depois, na carta que lhe escreve de Londres em 29 de julho (1587). Por ella se vê, que os adiantamentos que D. Salomon lhe fizera tinham chegado a vinte mil escudos, dando-lhe o pretendente em penhor um diamante, para resgatar o qual já lhe tinha mandado pagar aquella somma. (1)

Aqui temos mais um diamante portuguez a figurar nas operações financeiras do prior do Crato, ou ao menos, uma nova e inexplicavel duplicação do mesmo diamante que figurára em Inglaterra, e que em França se déra em caução a Sancy. Se o diamante que a este foi entregue em 1584, estava, como veremos ainda, em 1590 em seu poder; aquelle que foi empenhado a D. Salomon, e mandado resgatar antes de meiados de 1587, não indica ser differente? Por ventura haverá alguma cousa de commum entre o primeiro e o segundo emprestimo, entre os auxilios de Sancy, e os de D. Salomon? Faltam-nos dados para o decidir. Se a preciosidade, que esteve em poder de Salomon, era diversa da que se confiou a Sancy, cuja historia é bem sabida, e mais adiante teremos occasião de completar, não sabemos o que foi feito d'ella, que caminho levou, se chegou a ser resgatada, nem se os vinte mil escudos dados para isso por D. Antonio, em logar de terem essa applicação, foram desbaratados por algum agente infiel.

(Continúa).



Salamanca.

Salamanca, capital da intendencia do mesmo nome, no, outr'ora, reino de Leão, é incontestavelmente uma das mais antigas cidades de toda a Hespanha, sem que todavia possa marcar-se com toda a certeza a data da sua fundação.

Situada, parte em uma campina, na margem do rio Tormes, parte na falda da collina adjacente, Salamanca apresenta exteriormente um aspecto pittoresco e agradavel.

Sempre Salamanca foi celebrada pelo grande numero e excellencia de seus monumentos, de sorte que os antigos lhe chamaram *Pequena Roma*. E de feito, desde a ponte de vinte e sete arcos, lançada sobre o Tormes, obra dos romanos, acrescentada por Filippe IV, até á magnifica cathedral, construida no seculo XVI, tem alli o forasteiro entendido muito que ver e admirar, havendo já quem asseverasse que em Salamanca se podiam bem estudar os diversos systemas de architectura usados na peninsula, e os progressos das boas artes em Hespanha.

Não menos de vinte e cinco templos se contam em Salamanca, e se nem todos podem sequer assimilhar-se á sé cathedral, releva confessar que são na maior parte de boa e solida construcção, e todos decorados com grandeza e riqueza. A sé, porém, é um vasto edificio, que no estilo que costumâmos, talvez impropriamente, chamar gothico, poucos rivaes conhece no visinho reino.

Palacios sumptuosos, e outros edificios publicos e particulares de apparatosa fabrica abundam em Salamanca; mas a todos sobresae o vastissimo estabelecimento da universidade. Creada em 1239 por Fer-

(1) *Quad. elem.* XVI, 205, diz que esta carta está nos mss. do Mus. britan. *bibl. Cotton*. Galba E, VIII, f. 286, entretanto Figanière, *Catalogo*, não faz a menor menção d'elle.

(2) Mss. do Mus. britan. *bibl. Lansd.* n. 54, d. 74. — Figanière, *Catalogo*, 137. — *Quad. elem.* XVI, 205.

(1) State Paper office, maç. 21 (papeis de Hespanha) — *Quad. elem.* XVI, 204.

nando III, o santo, a universidade de Salamanca, que, por espaço de alguns seculos, gozou de universal reputação, sendo alli que se educaram os maiores homens de Hespanha, chegou a contar 7:000 a 8:000 estudantes. Já d'aqui se póde inferir qual seria a vastidão das aulas e demais officinas para occorrer a tamanho movimento de alumnos. Hoje está mui decaída, é verdade; ainda assim conta de ordinario 2:000 estudantes nas differentes faculdades que alli se professam.

A praça maior de Salamanca é tambem objecto digno de attenção; consta de uma vasta quadra, ornada de um airoso portico e noventa arcadas, sustentando quatro quarteirões de predios construidos todos no mesmo systema, e coroados de vistosas balaustradas.

Como um dos mais preciosos vestigios da dominação romana, existe fóra de Salamanca uma excellente estrada, larga e calçada, que communicava esta cidade com Merida e Sevilha. Esta estrada foi restaurada pelo imperador Adriano, como se infere da inscripção que, por curiosidade, inserimos em seguida:

IMP. CÆSAR
DIVI TRAJANI PARTHICI
F. DIVI NERVAE NEPOS
TRAJANUS HADRIANUS
AUG. PONTIF. MAX.
TRIB. POT. V. COS.
III RESTITUIT.

Salamanca dista 36 leguas ao noroeste de Madrid, está situada, segundo Harris, em 28° 21′ 45″ de longitude, 42° 12′ de latitude, e conta hoje, proximamente, 15:000 habitantes.

O RENEGADO.

VIII.

N'uma sala vastissima e sustida por feixes de columnas de pedra, que, alongando-se em recortes pelas ogivas do tecto, arrendado de caprichosos arabescos, se mordiam nos pontos d'onde pendiam enormes lampadarios, estavam reunidos uns vinte ou trinta cavalleiros, sentados em escabellos, em volta d'uma mesa, carregada de iguarias, de picheis e taças de prata, de que trasbordava o purpureo licor.

Sobrepostos aos maineis das janellas agudas e rasgadas ao gosto sarraceno, viam-se tropheos d'alfanges, saccos de malha, béstas, rodellas e zarguncho; ao passo que arrimadas ás paredes apaineladas, como para servirem de prompto, estavam lanças, cervilheiras, couraças, celladas, montantes e achas-d'armas, que, sumidas na penumbra projectada por um renque de arcos, travados entre si por vigotas de castanho, por vezes chispavam agulhas de fogo, quando lhes acertava algum raio das luzes vacillantes com a aragem da noite.

Quaes melindrosas boninas em terreno silvestre, entre estes cavalleiros, que, ao uso da paz, trajavam vistosas cotas d'armas, sobresaíam algumas damas de tão extremada graça e formosura, que bem poderiam dispensar o apuro dos enfeites, que, em vez de realce, só de injuria serviriam a tantos encantos; mas não pensavam ellas assim: aquellas damas, como todas as damas de todos os tempos, e de todas as nações, confiavam menos na meiguice de seus lindos olhos, na suavidade da sua voz, na alvura da sua tez, do que no brilho de custosas galas e magnificos adornos.

Mas não desmerecem tanto as estrellas ao verem a lua, quanto aquellas nobres damas e donzellas em presença dos raros attractivos da senhora, que, ao lado do proprietario do castello, occupava o topo da mesa, e que era, ao que parecia, o objecto do festim.

Yeldez vestia á mourisca. Brancos véos a envolviam como nuvem diaphana; e o cabello negro e lustroso, caindo-lhe ondeante e em fartos anneis sobre o seio debilmente rosado, era uma exigencia da adoravel timidez dos olhos, e da ingenuidade d'aquelle rosto mimoso e amargurado, como os que se attribuem aos anjos, quando aos pés do Eterno deploram as nossas culpas.

IX.

— A fé, dom menestrel, que te não admitti para te ver saborear o vinho de minhas cubas, mas para que nos alegres com as tuas xacaras e solaus; exclamou o senhor do castello, dirigindo-se a um forasteiro, que, depois de muito pedir e prometter nunca ouvidas maravilhas, tinha conseguido penetrar no alcacer, mas que até então mais cuidadoso parecia em despejar as taças, que os pagens se davam pressa em lhe encher, do que em patentear as suas raras prendas, conforme as gabára.

Menos corrido de vergonha, do que intimidado por esta reprehensão, tratou logo o menestrel de afastar de sobre o peito as largas pregas do seu albornoz, e cofiando as barbas densas e hirsutas, que lhe escondiam meio rosto, com ademanes de quem cogita em graves commettimentos, entrou a preludiar na citula uma toada rapida e aguda, como para captivar as attenções. Depois, fitando Yeldez com certa inquietação, cantou as seguintes trovas em linguagem arabica, n'um estilo triste e pausado.

— *Eu sou o que não pareço, e parecer quero o que não sou.*

Apenas ouviu esta voz, Yeldez estremeceu, e palpitante encarou o menestrel, julgando reconhecel-o e comprehender aquella advertencia.

O menestrel, logrando o seu intento, repetiu mais afoito:

— *Eu sou o que não pareço, e parecer quero o que não sou.*

— *Filha do wali, das trevas se valeu o tigre e te arrebatou, mas não tardei.*

— *Formosa minha, no seu covil reside a ignominia, e eu não tardei.*

— *Commigo vem teu livramento: mimosa flor, amanhece o dia.*

— *Eu não sou o que pareço, e parecer quero o que não sou.*

— Damnada lembrança tiveste em nos cantar essas trovas monotonas e lugubres, que nem um cantico de finados, e muito mais na lingua maldita, que por muito a detestar nunca chegarei a perceber.

— Como ainda a noite passada bem provastes a esses perros infieis, no impeto com que os accommettestes.

— Nunca o wali tão affrontado ficou do nosso esforço, senhor coudel, replicou D. Mendo ao que acabára de fallar. Sabeis como a deshoras, no maior silencio das trevas, devezas rebalsas transpondo lhe devassei os aduares.

— E não retirámos sem lhe abrirmos larga estrada de ruinas, acrescentou d'alli um infanção, que não quiz perder o ensejo de se exaltar no conceito da sua amada, que o olhou sorrindo.

— Pela espada de meu pae, tornou D. Mendo, mais ousados almogavares não os ha em terras christãs. Mas ai! que mais vencido voltei, que voltei sequioso de amores, e captivo da virgem, que logrei captivar. Chorosa, cingindo-me nos braços, seu peito ao meu aquecia; meu corsel sem descanço voava, e eu receioso pedia que a brisa m'a não cubiçasse. Absorto desde então admiro este ceo de puros en-

cantos, para a todo o momento receiar perdel-o. A indignação do wali não dorme.

— Subirá a tal ponto a sua audacia, que venha disputar-vos Yeldez? perguntou uma das damas, esposa d'um d'aquelles ricos-homens, prestameiro das terras limitrophes.

— A felicidade faz-nos timidos, murmurou D. Mendo.

— Desprezae as bravatas do mouro, que elle é muito villão para se aventurar a novos revezes, disse o coudel com o entono proprio d'um vaticinio.

O menestrel, para dissimular um sorriso malicioso, teria saido, se os rogos das senhoras o não obrigassem a entoar novas melodias, a que alguns dos cavalleiros começaram a responder em côro, de embriagados que estavam.

Porém já Yeldez e as demais nobres damas, atemorisadas com o delirio d'aquelles animos soltos e incendiados pelo vinho, se haviam recolhido aos seus aposentos, como do meio de qualquer alvoroto se afastam sempre os que mais o promoveram, quando entrou na sala o mancebo, com quem travámos conhecimento nos arredores do castello.

X.

— Basta. Preferes as delicias d'um banquete ao teu renome, e desbarate dos infieis? perguntou o mancebo ao senhor do castello, que se ergueu sobresaltado com a inesperada apparição.

— Vens provocar-me?

— Venho acordar-te, tornou o recemvindo com a altivez e indignação accesas nos olhos. Affronte as tempestades o cedro, que para isso nasceu; erguido resista o penedo, ou logo na voragem cáia: torrentes baixadas do alto só cobrem o campo rasteiro. Eia ao campo, que o ismaelita vigia o teu ocio.

— Tristão, pela bemaventurança eterna de nossa mãe te affirmo, que não treme o peito aguerrido do leal fronteiro. Mas enlevado n'este meu delicioso amor, não saberei d'elle desprender-me, sem que a vida me abandone; que um encanto suave e angelico captiva os meus desejos desde a hora ditosa, em que possuo Yeldez.

— Yeldez! repetiu Tristão assombrado, como se a luz do raio lhe crestasse a fronte. — Entrega-m'a. Yeldez é minha.

Os convivas soltaram um grito de pasmo, e os dois irmãos se acercaram em silencio, não atinando como expressassem o impeto d'aquelle odio, que lhes fervia na alma. Rivaes se encontravam; e nos labios espumantes, no medonho fulgir dos olhos do adversario, avaliou cada um o reflexo da sua raiva, e a violencia d'aquelle ciume, que, de si proprio cioso, mais se irritava por se ver imitado.

Dois tigres, ralados de fome, disputando uma victima, não se accommetteriam com maior braveza. Tristão, brandindo uma enorme acha d'armas, que mais proxima deparou, investiu com o irmão, que já o esperava com a espada em punho, e a ironia nos labios; porém ás suas bravatas e doestos respondiam tão pesados e repetidos golpes, que d'elles affrontado emmudeceu, e cuidou só em evitar aquelle ferro, que, redomoinhando e zunindo, o procurava incançavel por todos os lados, com a insistencia arteira do mais inveterado proposito de o abater.

Aos brados dos circunstantes, ao tinir das armas mortiferas, acudiram as damas, e Yeldez precipitou-se nos braços de Tristão, que sofrego de tão suspirada preciosidade, e vacillando entre o contentamento de a achar, e o receio de a perder, a estreitou ao peito como para a esconder ao rival, em quanto que devorava com ávidos beijos as ternuras e meiguices, que aquelles adorados labios lhe offereciam.

Mas Yeldez empallidece. Porque desfalleceu? Do seio se lhe escapa o sangue aos borbotões.... Respira a custo....

A infeliz aparou o golpe, que lhe mataria o amante.

XI.

Imaginae o pasmo e consternação da leoa, quando pressurosa, voltando ao covil, em vez do prazer que alli deixára, escorrega no sangue dos seus filhos; imaginae a ancia com que os acaricia e bafeja, persuadida que do seu amor e seus gemidos a propria morte, apiedada, lh'os restituirá; imaginae depois a saudade vehemente e arrebatada, que desfeita em lagrimas lhe golfa do coração, quando ao desengano do ultimo volver d'aquelles olhos moribundos, ella conhece que se lhe acabam alli as suas delicias; imaginae em fim a desesperação, com que rugindo parece pedir ás brenhas o assassino de seus filhinhos. Como raivosa ella fareja os trilhos, e examina os escondrijos mais profundos! Eil-a correndo as florestas, transpondo penedias, saltando abysmos e torrentes. Desgraçado do que a encontra. A fera estacou, e, disposta a morrer matando, saboreia a sua vingança, e arremette, atassalha, esmaga, e contente expira.

Assim Tristão, como se de unico allivio lhe servisse a propria dor, não soltava dos braços a amante, que parecia reanimar-se só para lhe sorrir: convulso e desvairado, nos labios d'ella cravando os seus, parecia querer disputal-a á morte, ou acabar alli.

Vendo porém ajoelhar Mendo, consternado, e lastimando-se, Tristão allucinado, pallido, o cabello hirto, e suffocado em cholera e pranto:

— Para traz, bradou repellindo-o. Não macule o teu halito este anjo adormecido.

— Insolente!

— Cobarde! Chama em teu auxilio a quantos te cercam, que eu não só te provoco, como a todos que ousem defender-te.

E nem um só d'elles engeitou o repto. Tristão, rebatendo-lhes a investida, confiou Yeldez ao desvelo das donas, e arremetteu para o meio d'aquella chusma d'espadas, pedindo a morte, mas dando-a sempre: nem a sua furia permittia resistencias, nem se apiedava. Similhante ao anjo destruidor, que alli descesse, incançavel e sedento de sangue, vibrava golpes, que eram raios certeiros, irresistiveis, fataes.

Até que no mais travado da lucta, a acha d'armas saltando-lhe das mãos em estilhaços, o entregou lasso de forças e mal-ferido á indignação, que a sua obstinada valentia excitára n'aquelles peitos ferozes. Qual d'elles mais apressado em tirar a desforra dos aggravos que recebêra, e animados todos pela impunidade, de roldão o levaram d'encontro ao vão d'uma janella.

Ouviu-se então o baque d'um corpo precipitado nas aguas da cárcova; depois um gemido d'agonia, e nada mais.

— Morreu, exclamou um dos cavalleiros, debruçando-se no balcão da janella, para melhor se certificar: lá distingo o seu cadaver fluctuando.

XII.

— Mendo?

E o castellão sobresaltado ergueu a cabeça, pois aquella voz lhe gelára a alma, despertando-o da profunda apathia, em que assistira a tão porfiada briga.

O menestrel olhava-o fixamente, e mal contendo a sua emoção lhe travou do braço:

— Conheces-me?

— Não te conheço, lhe respondeu Mendo afastando-se, como importunado por uma futilidade.

Mas o menestrel embargando-lhe o passo, e ca-

denciando as palavras: — Escuta-me, lhe disse. Ha vinte annos proclamou o walí Abu-Malek-Hassan um esplendido torneio e magnificos jogos de tavolado, a que concorreram os bem-nascidos filhos da Hespanha goda, e os mais famosos e temidos batalhadores musulmanos; que então era tempo de tregoas, e por isso de folganças e descuido. Lembras-te?

— Prosegue.

No praso determinado abriram-se as justas, tão luzidas e preciosas como para tamanhas gentilezas era mister. Ao signal das charamellas arremessaram-se á liça os combatentes lustrosos e ataviados de armas louçãs, realçadas de bordaduras e côres alegres, cousa muito para ver. Christãos e mouros investiram com tanta furia, como poderia suscitar-lhes uma peleja disputada com mais razão: raros foram porém os cavalleiros muslins, que ao segundo recontro não ficaram derribados; e os poucos que resistiram, tiveram breve de pedir misericordia aos seus contrarios. Lembras-te?

— Tarde esquecem os infortunios, exclamou Mendo, carregando-se-lhe o gesto ao encarar pungentes recordações; n'aquelles campos succumbiu a flor da nossa nobreza.

— Tantas façanhas assignalaram muito a ignominia dos vencidos, para se lhes não erguer no animo, e na intenção dos assistentes a mais violenta indignação. Os musulmanos conjurados decidiram o exterminio de quantos christãos tinham vindo áquellas festas.

— E realisaram a sua vingança. Ainda mal.

— Porém no tumulto de tão atroz carnificina, alguns escaparam; e entre estes, e dos que mais esforçados tinham convertido o torneio em aspera batalha, salvou-se um, que por sua extremada bravura com maior empenho era procurado por aquelle populacho exasperado. Sabes-lhe o nome?

Mendo suspirou, que as torturas, que lhe apertavam a alma, não lhe consentiam outra expressão.

— N'um palacio teve agasalho, e no seio d'uma virgem achou compaixão. Como recompensou elle a alma dedicada e enternecida, que lhe salvou a existencia?

— Cala-te, eu fui um infame.

— A virgem era a filha do walí Abu-Malek, e amaldiçoada e repellida por seu pae, foi mãe d'uma criança, que nascendo a matou.

— E quem és tu, que tanto sabes? perguntou Mendo, recuando atemorizado, e como já antevendo um desenlace funesto.

— Eu sou Ben-Achmet-Noseir, irmão da desventurada Zulma. E o menestrel arrancou o disfarce das barbas.

— A que vens então?

— Venho entregar-te tua filha. É Yeldez.

Mendo fulminado por este golpe tão inesperado, cerrou os punhos na cabeça, e desmaiou.

Correram todos a erguel-o.

E ninguem viu mais o mouro Ben-Achmet.

(Continúa).

J. G. DOS SANTOS LIMA.

Ninguem se fie nos applausos da multidão. Cromwell, fazendo a sua entrada triumphal em Londres, disse, a quem lhe fazia observar a affluencia do povo, que de todas as partes corria para o contemplar: outro tanto aconteceria se me vissem conduzir ao cadafalso.

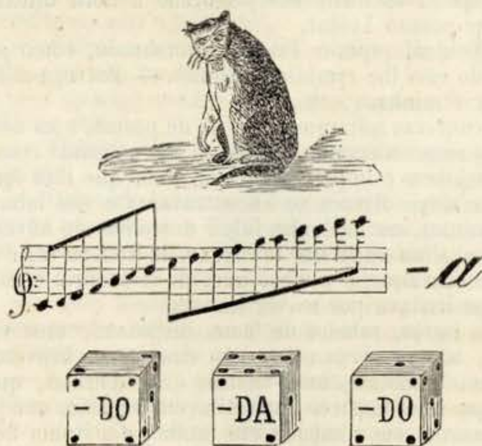
BASTOS.

FACTOS E ANECDOTAS DE PERSONAGENS PORTUGUEZES.

Estando Antonio Moniz Barreto por capitão da fortaleza de Ceylão, levantou-se-lhe a gente da terra, e saindo um dia fóra com trezentos homens, passando por um monte, entendeu que da outra parte estavam mouros; e receando que se se tornasse sem pelejar iria dar animo aos inimigos, houve por bom conselho deixar alli alguns portuguezes, e por capitão a um fidalgo chamado João de Mello, e elle com a mais gente passar ávante. Pelejando João de Mello com os mouros que se foram para elle, e Antonio Moniz com os que fôra buscar, lembrado do perigo em que João de Mello e os seus ficaram, tanto que se póde desembaraçar, voltou, e tornou atraz. Chegando achou João de Mello muito mal ferido, mas tão inteiro e esforçado, que quando o viu chegar lhe disse: Folgára que estivera aqui o castelhano que disse: *mis deseos son las armas, mi descanso es pelear*, que se fartára agora! e acabando de dizer estas palavras caiu morto.

Tendo alguns fidalgos portuguezes ciume dos favores que el-rei fazia a Duarte Brandão, homem que devêra a sua posição aos seus proprios feitos, estando um dia em conversação, veiu a proposito fallarem elles de victorias que seus progenitores fizeram em Africa, e outros de fidalgos de quem descendiam, e Duarte Brandão depois que ouviu tudo, disse: « E eu sou Duarte Brandão, que por força de armas ganhei nobreza para mim e meus descendentes, como os de quem vós, senhores, vindes, para si, e para vós; e quem isto contradisser, adiante-se: » e após estas palavras, ficando muito seguro um espaço de tempo, retirou-se.

ENIGMA.





LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista n.º 3